

Patrimônio Material e Imaterial da antiga Colônia de leprosos Antônio Diogo - Redenção-CE.

FRANCISCA GABRIELA BANDEIRA PINHEIRO*

Instituições de caráter isolacionistas são muito presentes na história da *lepra* (hoje hanseníase) não só no Brasil, como em várias partes do mundo. O estado do Ceará não foi diferente. A doença foi combatida a partir da medida vista no período como a mais apropriada para o combate à enfermidade: o isolamento. No Ceará, a primeira instituição fundada, ainda em 1928, é de extrema relevância para essa história, pois possui um acervo riquíssimo para os estudiosos da doença em geral. Mas, antes de adentrarmos para a real intenção desse trabalho, consideramos importante esclarecer algumas questões referentes a essa enfermidade para assim poder entender em que momento esse estudo irá contribuir para a história da hanseníase no Ceará.

O termo *lepra*¹, remete a uma doença cuja origem é muito antiga e que possui seus primeiros registros ainda no século II A.C, no Egito. (LIMA, 2007: 48) Essa enfermidade surgiu e ressurgiu com o passar do tempo em várias partes do globo terrestre, chegando até os dias atuais. A doença sempre foi muito temida, tanto por ser uma enfermidade que na antiguidade e no medievo carregava o emblema do pecado², como devido à crença que se tinha nos discursos e práticas médicas até o início do século XX, que consistia numa doença profundamente contagiosa.

Assim, a *lepra* sempre foi tratada pela ótica do medo, tanto o medo do pecado, como o medo de contrair a doença. Esse medo tão intenso do contágio deu margem para que a única forma de tratamento possível ocorresse a partir do isolamento dos enfermos em locais específicos, afastados dos principais centros urbanos, em que os doentes eram privados do convívio com a população sã, inclusive de familiares e amigos. Tais instituições ficaram

(*) Graduando em História na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Orientadora Zilda Maria Menezes Lima, Doutora em História. Agência Financiadora: Fundação de Apoio à Pesquisa (FUNCAP).

¹Com objetivo de tentar diminuir o estigma presente em torno do termo *lepra*, na década de 70, começou a surgir uma campanha em São Paulo que defendia o abandono da utilização da terminologia *lepra* em prol da utilização do termo *hanseníase* para denominar a doença. O governo federal aderiu à proposta e, através de um decreto extinguiu a utilização do termo *lepra* e seus derivados no trato da enfermidade. (CLARO, 1995). Optamos utilizar durante alguns momentos o termo *lepra* para não cometer anacronismos.

² A ligação da *lepra* com o pecado surge devido a grande crença que havia sido formada pela religião de que o doente de *lepra* era um pecador e que a *lepra* era uma forma dessa doente pagar pelos seus pecados. Mais informações: (CUNHA, 2005: 1).

conhecidas como leprosários e essa forma de combate à *lepra* ocorreu em todo o Brasil, inclusive no Ceará. Quando a *lepra* surgiu com real intensidade durante a década de 1920 no estado, o Brasil passava por um período no qual essa doença era vista como um problema social e a medida mais aceita para combatê-la era o isolamento dos doentes em colônias. (CUNHA, 2005)

Assim, houve no Ceará, principalmente em Fortaleza, um clamor pela necessidade de isolar esses doentes, inclusive os jornais do período, eram pródigos em exaltar a importância e a necessidade de um leprosário para conter o avanço da doença. Porém, as autoridades não agiram muito nesse quesito inicialmente, mesmo com um órgão responsável pelo controle da enfermidade, a Inspetoria de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas (IPLDV) a doença acabou ficando em segundo plano, devido à alta incidência de sífilis na capital. (LIMA, 2007: 77-78). Então, para que o leprosário fosse edificado, foi necessária a ajuda dos particulares, através de doações que eram frequentemente pedidas e publicadas nos jornais da época. (FERREIRA, 2011: 93-94).

Assim, o primeiro leprosário cearense foi oficialmente inaugurado em 1º de agosto de 1928, no Município de Redenção, no distrito de Canafistula e foi, inicialmente, nomeado de Leprosário de Canafistula e, após alguns anos, Leprosário Antônio Diogo em homenagem ao *rico capitalista responsável por sua edificação*. Mesmo após o isolamento compulsório ter o seu fim decretado, em 1962, no Ceará, essa mudança não teve muita significação, já que:

Na verdade, o Decreto de Maio de 1962 não significou a “abertura dos portões” das antigas colônias. No Ceará essa prática somente ocorreu efetivamente na década de 1970. No entanto, não é demais deixar claro que o fato dos ex-internos poderem circular livremente não significou sua aceitação no seio da sociedade. As sequelas herdadas da longa enfermidade marcaram (duplamente) aquelas pessoas, não permitindo uma real inserção no mundo do trabalho ou mesmo na vida em sociedade. O resultado dos longos anos de segregação e de desconhecimento dos agentes etiológicos da doença criaram “vidas ausentes” de um mundo em transformação. Os avanços na área médica que possibilitaram a cura da enfermidade não foram de imediato apreendidos pela sociedade, que continuava a enxergar naquelas pessoas os leprosos de antes. Tais posturas explicam que em pleno XXI muitas ex-colônias continuem a abrigar os antigos doentes, que ainda vivem apartados da sociedade de hoje. (LIMA, 2007: 251- 252).

A Colônia Antônio Diogo foi uma dessas ex-colônias citadas por Zilda Lima que continuou a servir de moradia para os seus ex-internos, pois, mesmo após o fim do isolamento e mesmo os internos tendo a opção de finalmente levar uma vida fora dos muros da colônia, muito deles, devido à idade avançada e a sequelas deixadas pela doença ou até mesmo por costume, não se sentiam confortáveis e não se adaptaram à vida fora do local onde passaram tantos anos de suas vidas. Assim, muitos resolveram retornar para a colônia, onde lá ficaram vivendo e muitos permanecem residindo na instituição até os dias atuais. Assim, o antigo leprosário tem a sua função alterada na sociedade e passa a ser conhecido como o Centro de Convivência Antônio Diogo, onde são acolhidos e mantidos os ex-internos da antiga colônia.

O nosso trabalho volta o olhar, principalmente, para essa instituição, que possui um grande acervo material da época de sua fundação e funcionamento como prontuários médicos, livros de entrada e saída de pacientes, fotografias, moveis, objetos médicos entre outros. Além desse acervo material, nossa atenção também se volta para o acervo imaterial, que é composto pelo conjunto dos ex-internos da colônia, como também de seus filhos e ainda de pessoas que trabalharam na instituição e trabalham atualmente.

Com intuito de conhecer e organizar esse acervo, foi criado o projeto “Patrimônio Material e Imaterial da Antiga Colônia de Leprosos Antônio Diogo, Redenção - CE.”, que conta com o apoio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e da Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa (FUNCAP). Esse projeto está sobre a responsabilidade de dois coordenadores, a professora Dra. Zilda Maria Menezes Lima, que é responsável pela organização do patrimônio material e o professor Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, que é responsável pelo patrimônio imaterial.

O interesse na organização desse acervo veio por acreditar na relevância para a história da saúde e das doenças no Ceará o conhecimento e preservação desse acervo, desconhecido pelos pesquisadores, já que se localiza distante dos principais centros de pesquisa de Fortaleza.

Como nosso projeto se divide em dois âmbitos diferentes, trabalhamos da seguinte forma: para o patrimônio material, que se encontra na própria colônia, optamos por fotografar todo o acervo existente. Toda a documentação encontrada no local se encontra em bom estado de conservação, o que facilita a coleta desse material.

Já com relação ao patrimônio imaterial, temos trabalhado através da realização de entrevistas com pessoas, que, de alguma forma tiveram algum tipo de ligação com a colônia. Essas entrevistas são gravadas e depois transcritas para compor, futuramente um acervo de memória. Não trabalhamos hierarquizando os acervos pois entendemos que nenhum é mais importante que o outro, acreditamos que ambos se complementam, pois apesar de tratarem do mesmo tema, trazem a tona duas óticas diferentes da questão.

Já destacamos, o quando consideramos esse acervo de extrema relevância para a história da hanseníase no Ceará, e para ilustrar essa grande importância, iremos adentrar um pouco nessa documentação, mostrando o quando esse acervo pode ser utilizado para futuras pesquisas e trabalhos.

Iniciando pelo patrimônio material, que se encontra na própria colônia, em Redenção, a aproximadamente 30 km de Fortaleza, temos os prontuários médicos, que é a documentação que existe em maior abundância no local, pois foram encontrados em torno de 3.000, já que para cada paciente que adentrava nas imediações da colônia era feito um prontuário, em que era acompanhada toda a trajetória do paciente dentro da colônia. Assim, há um conjunto de prontuários em que se encontra desde primeiro paciente, em 1928, até os últimos, já na década de 1970. Os prontuários dos primeiros pacientes são mais simples, pois são compostos por apenas uma ficha, com os dados principais do paciente. Mas, com o passar do tempo, os prontuários ganham um maior detalhamento e passam a ficar cada vez mais ricos em informações acerca da vida dos pacientes e do seu comportamento no interior da instituição.

As principais informações presentes nesses prontuários são: nome completo do paciente, apelido, cor da pele, grau de instrução, profissão, idade, local de nascimento, locais onde morou, estado civil, se tinha filhos ou não, condição social, religião e informações sobre os familiares, inclusive se eles tiveram a doença. Há uma ficha só para os filhos, onde é descrito onde, como viviam os filhos do paciente e quem eram seus tutores. Há também uma ficha em que são listados os pertences do paciente, bem como o valor de cada um. No prontuário também há um espaço dedicado para outras ocorrências que foram consideradas dignas de registro, como fugas, prisões e casamentos. Também podemos perceber a presença de informações médicas, do tipo quando e como o paciente descobriu a doença, qual a forma de doença que o paciente contraiu, a data do internamento, quais exames foram feitos, quais

medicamentos ele tomou, as reações do paciente ao tratamento, os avanços e recuos da doença, a data de início do tratamento e a data de alta ou, na maioria das vezes, a data de óbito. Assim, o prontuário médico é uma documentação de extrema relevância e que pode ser utilizado de diversos modos no âmbito da pesquisas acerca da doença, pois, além de poder conhecer muito sobre a própria colônia e sobre o seu cotidiano, podemos ainda conhecer os pacientes de Antônio Diogo, pois as fichas nos trazem muitas características dessas pessoas que viveram tanto tempo ali isoladas.

Outra documentação importante que existe no acervo da colônia diz respeito aos livros de entrada e saída de pacientes. Esses livros, como o próprio nome já diz, são documentos que registram a data de entrada e saída dos pacientes na colônia (no caso de Antônio Diogo, desde o primeiro paciente até os últimos). Na colônia encontramos cinco livros de registro grandes e volumosos. Nesses livros constam o nome do paciente, a data de chegada bem como a data de saída (para os que receberam alta) e uma relação dos pertences trazidos com a pessoas, como metros de tecido, sapatos e sandálias, objetos relativamente simples o que denota, talvez, a condição social dos internos. Podemos perceber que esses livros funcionam como uma espécie de controle dos doentes, a fim de se saber quantos doentes entravam na colônia, bem como a quantidade que deixava a instituição.

As fotografias também é outra documentação que consideramos muito relevante, pois além de existirem em torno de 500 fotografias no local, essas fotografias são muito significativas, pois relatam momentos do cotidiano dos pacientes e médicos dentro da colônia. Existem fotografias tanto de atendimentos médicos, como de momentos de descontração como festas, primeira-comunhão e missas que ocorriam na própria instituição.

Além de toda essa documentação já relatada, existe uma grande quantidade de materiais que eram utilizados na época de funcionamento da colônia. Uma parte desse material é o religioso, composto por vestimentas para missas e batizados, ostensórios, castiçais e imagens. Esse material foi angariado pelos religiosos – da ordem franciscana – responsáveis pela administração do local. Também podemos constatar a presença de objetos médicos, como microscópios, tubos de ensaios e toda uma gama de materiais que eram utilizados pelos médicos na realização de consultas e no tratamento dispensado aos doentes. Além disso, a própria mobília do local pode ser considerada um objeto de estudo, pois os

móveis encontrados são muito antigos e estão em bom estado de conservação. Há cristaleiras, mesas, conjunto de cadeiras, louças e armários em madeira e vidro.

Enfim, consideramos todo esse material listado de uma grande riqueza, pois o cotidiano da colônia pode ser resgatado através desse acervo que merece ser preservado a fim de que futuros historiadores possam ter acesso a esse material e utilizá-lo como futuras fontes para suas pesquisas. A utilização desses documentos como fonte pode nos proporcionar um contato indireto com aqueles pacientes que viveram tanto tempo naquela instituição e também saber muito sobre o pensamento médico da época, já que os prontuários nos detalham muito sobre a doença e ainda conhecer o que se sabia sobre a doença no período, quais eram os medicamentos e tratamentos aplicados e entre outros.

Com relação ao patrimônio imaterial, existe uma memória acerca da doença que achamos necessário ser conhecida. A memória daqueles que viveram a doença bem como aqueles que conviveram com os doentes. Assim, estamos recolhendo depoimentos de pessoas ligadas, de alguma forma, à instituição. São coletados depoimentos de ex-pacientes, com o objetivo de tentar compreender como foi viver no local na visão daqueles que eram vítimas do isolamento e, portanto, eram obrigados a viver afastados do mundo exterior. Além desse aspecto, procuramos entender as marcas deixadas naquelas pessoas devido a terem sido atingidas por uma doença que era altamente estigmatizada no período, principalmente pela incurabilidade e pelas deficiências físicas que o avanço da enfermidade causava.

Também coletamos depoimentos de pessoas que trabalharam na colônia (médicos e religiosos), para tentar entender o seu funcionamento a partir da visão de quem apenas trabalhava no local e não era obrigado a viver lá. Através desses depoimentos conseguimos entender muito sobre o pensamento médico acerca da doença bem como do pensamento religioso durante o período de funcionamento da instituição.

Ainda nos preocupamos em coletar depoimentos de familiares dos ex-internos, principalmente de seus filhos. Muitos dos filhos dos internos, no período, viviam também em regime de isolamento compulsório no Preventório Eunice Weaver, longe dos pais. Mesmo assim, consideramos interessante a coleta desses depoimentos, pois além de conhecer um pouco sobre a instituição em que eles viveram, também podemos saber através dos filhos dos ex-internos um pouco da memória e do passado de seus pais. Para isso, utilizamos a “pós-

memória”, que, em nosso trabalho, se resume “a memória dos filhos sobre a memória dos pais”. (JUCÁ, 2012: 6).

Também atentamos para coletar entrevistas com pessoas ligadas ao Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN) a fim de entender um pouco sobre a hanseníase nos dias atuais, sobre os direitos dos ex-internos e também compreender o que tem sido feito por esse movimento social para conscientizar a população sobre a hanseníase e eliminar o estigma que ainda vive em torno da doença.

Esses depoimentos são de extrema importância para a nosso trabalho, pois, como já foi mencionado, não consideramos os relatos dos nossos entrevistados como apenas uma fonte secundária ou complementar, muito pelo contrário, consideramos essas fontes extramente ricas, pois podemos conhecer muito sobre a instituição através das palavras de quem esteve lá e viveu lá e tem muito a dizer sobre aquele local. Também achamos interessante o fato da história oral nos proporcionar uma dinâmica maior como fonte, já que o pesquisador e o entrevistado travam um diálogo. Mas, é importante lembrar que:

A História é alimentada pela Memória que, por sua vez, constitui uma fonte valiosa à reconstrução do passado. Entretanto, a metodologia empregada faz com que os elementos transmitidos pela Memória sejam apurados pelo senso crítico do historiador, sem esquecer o perigo de destruir o valor da informação espontânea, presente nos relatos obtidos. (JUCÁ, 2003: 36).

Então, devemos sempre levar em consideração, que os depoimentos orais, mesmo sendo analisados criticamente, possuem uma singularidade a respeito do passado.

Como nosso objetivo tem sido organizar essa documentação e deixá-la em condições de consulta para o grande público, para a finalização do nosso projeto esperamos realizar duas publicações, uma para o patrimônio material e outra para o patrimônio imaterial. A primeira publicação se resume, basicamente, em um catálogo onde iremos listar com detalhamento toda documentação que se encontra na colônia, a fim de que futuros pesquisadores tenham acesso e possam se interessar pela temática e contribuir com o estudo da hanseníase no Ceará.

Já para o acervo imaterial, nosso objetivo é a publicação de um livro onde iremos selecionar os depoimentos mais significativos, com o objetivo de perceber a experiência dos

que participaram, de forma direta ou indireta, do cotidiano da colônia e conhecer a história da instituição sobre uma ótica diferente.

Assim, concluímos reafirmando a relevância desse projeto para a história da hanseníase no Ceará e o quanto é importante à divulgação dessa documentação, gerada pelo leprosário Antônio Diogo, no meio acadêmico a fim de contribuir para a produção de um conhecimento mais profundo da enfermidade, pois essa documentação nos apresenta uma nova forma de ver a história da hanseníase no Ceará. Esperamos que o nosso trabalho contribua positivamente nesse quesito e que possa trazer novos olhares e perspectivas para a historiografia cearense e brasileira na história da saúde e das doenças.

Bibliografia.

- CLARO, Lenita. Hanseníase: Representações sobre a doença. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.
- CUNHA, Vivian da Silva. O Isolamento Compulsório em questão: políticas de combate à lepra no Brasil. Rio de Janeiro: 2005 – Dissertação de Mestrado – COC/FIOCRUZ.
- FERREIRA, Antonio Nelorracion Gonçalves. “Lazaropolis”: A lepra entre a piedade e o medo (Ceará, 1918-1935). Fortaleza: Universidade Federal Do Ceará, Dissertação de Mestrado, 2011.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Enc.ABHO/PATRIMÔNIO Material e Imaterial da Hanseníase: Colônia Antonio Diogo/Município de Redenção/Ceará. IN: Anais do XI Encontro Nacional de História Oral, Rio de Janeiro, 2012.
- _____. Oralidade dos velhos na Polifonia urbana. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.
- LIMA, Zilda Maria Menezes. Uma enfermidade à flor da pele: a lepra em Fortaleza (1920-1937). Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.
- _____. A alma do lázaro: José de Alencar/ Zilda Maria Menezes Lima. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.
- _____. Políticas de saúde pública para o tratamento da lepra em Fortaleza (1930/1934). In: O público e o privado. Fortaleza: UECE, 2003- Semestral. Conteúdo: ano 7, n. 13, Janeiro/ Junho, 2009.

_____. O grande polvo de mil tentáculos: a lepra em Fortaleza (1920-1942). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, 2007.

_____. Irmãs de Sina: história e memória de filhas de hansenianos no Preventório Eunice Weaver - Maranguape/Ce (1940-1960). In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MARQUES, Vera Regina Beltrão; (Orgs.). Hanseníase: a voz dos que sofreram isolamento compulsório. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

LE GOFF, Jacques. As Doenças têm História. Lisboa: Terramar, 1997.

MACIEL, Laurinda Rosa. Em proveito dos sãos perde o lázaro: Uma História das Políticas Públicas de Combate à Lepra (1941-1962). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado, 2006.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; (Orgs.). Uma História Brasileira das Doenças. Brasília: Paralelo, 2004.

_____; MARQUES, Vera Regina Beltrão; (Orgs.). Hanseníase: a voz dos que sofreram isolamento compulsório. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

SONTAG, Susan. Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TRONCA, Ítalo. As Máscaras do Medo: lepra e aids. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.